



OS NOMES PARA PROSTITUTA DOCUMENTADOS PELO ALIB NO ESTADO DE SÃO PAULO E SUAS MARCAS DE USO DICIONARIZADAS¹

TERMS FOR PROSTITUTES DOCUMENTED BY ALIB IN THE STATE OF SÃO PAULO AND THEIR DICTIONARY-LISTED USES

Júlia Vitória Mugartt Piccoli (UFMS)²
julia.mugartt@ufms.br

Daniela de Souza Silva Costa (UFMS/PPGLETRAS-UEMS)³
souza.costa@ufms.br

RESUMO: Haja vista que o léxico é o nível linguístico em que mais se refletem valores sociais e culturais de um determinado grupo, seu estudo revela, para além de aspectos linguísticos, também e especialmente questões relacionadas à cultura, às crenças e aos modos de ser e de viver de uma sociedade. Nessa direção, este artigo analisa os nomes dados “a mulher que se vende para qualquer homem” (Comitê Nacional do ALiB, 2001, p. 32) documentados pelo Atlas Linguístico do Brasil no Estado de São Paulo, pertinentes às 37 localidades paulistas que fazem parte da rede de pontos do referido projeto, em que se entrevistaram 148 falantes. Tomam-se como aporte teórico trabalhos em Dialetoлогия e Geolinguística (Cardoso, 1999), Sociolinguística (Camacho, 2001), Lexicografia (Strehler, 2001), dentre outros. A partir dos resultados alcançados (47 variantes lexicais em um universo de 426 ocorrências) e por representarem 34% dos nomes documentados, selecionaram-se como tema da análise léxico-semântica aqueles que apresentam marca de uso pejorativa em dicionários gerais de língua, revelando que a prostituta é vista de forma marginalizada em uma parte do Estado de São Paulo, o que ratifica que, sendo a língua um produto sócio-histórico-cultural, estudar variação linguística é entrar em um mundo pluridimensional, social e constantemente em movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetoлогия e Geolinguística; Lexicografia; Atlas Linguístico do Brasil.

ABSTRACT: Given that the lexicon is the linguistic level that most reflects the social and cultural values of a given group, its study reveals, beyond linguistic aspects, also and especially issues related to a society's culture, beliefs, and ways of being and living. In this sense, this article analyzes the names given to "the woman who sells herself to any man" (Comitê Nacional do ALiB, 2001, p. 32) documented by the Linguistic Atlas of Brazil (Atlas Linguístico do Brasil) in the State of São Paulo, relevant to the 37 São Paulo localities that are part of the project's network of points, where 148 speakers were interviewed. The theoretical framework draws on works in Dialectology and Geolinguistics (Cardoso, 1999), Sociolinguistics (Camacho, 2001), Lexicography (Strehler, 2001), among others. Based on the results obtained (47 lexical variants in a universe of 426 occurrences) and because they represent 34% of the

¹ Este texto apresenta resultados de Plano de Trabalho de Iniciação Científica desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC-UFMS) entre os anos de 2023 e 2024 e que teve financiamento da própria instituição.

² Acadêmica do curso de Letras – Licenciatura em Português/Espanhol da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

³ Professora Adjunta da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Professora Credenciada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PPGL – UEMS), campus de Campo Grande.



documented names, those that present a pejorative usage mark in general language dictionaries were selected as the theme of the lexical-semantic analysis, revealing that the prostitute is seen in a marginalized way in a part of the State of São Paulo, which confirms that, as language is a socio-historical-cultural product, studying linguistic variation is entering a multidimensional, social and constantly changing world.

KEYWORDS: Dialectology and Geolinguistics; Lexicography; Linguistic Atlas of Brazil.

INTRODUÇÃO

*Entre coisas e palavras - principalmente- entre as palavras -
circulamos.*
(Drummond, 1988, s.p.)

Como afirmado por Drummond (1988) na epígrafe deste texto, é por meio da palavra que o homem interage, constrói e compreende o mundo à sua volta. Sendo assim, o léxico pode ser entendido como “um instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos” (Cardoso, 2016, p. 1). Em outras palavras, “a visão de mundo de um indivíduo ou de um grupo social, localizado em uma determinada região geográfica, encontra-se linguisticamente materializada no vocabulário usado pelos falantes desse grupo” (Marques; Isquerdo, 2022, p. 97).

Sendo assim, este trabalho busca investigar os nomes para a “mulher que se vende para qualquer homem” (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001, p. 32) documentados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil - Projeto ALiB - no Estado de São Paulo, cuja rede de pontos é composta por 37 localidades. O estudo divide-se em duas partes: análise diatópica e léxico-semântica, amparando-se em preceitos da Dialetologia e Lexicologia, principalmente quando esta pesquisa os tabus linguísticos.

A apresentação deste texto se organiza nesta introdução, seguida pelas considerações acerca das teorias que nos embasam e, posteriormente, análise de dados, conclusões e referências.

1. UM PASSEIO PELO REFERENCIAL TEÓRICO

O português brasileiro é uma língua rica em diversidade fonética e lexical e essa variação representa a pluralidade cultural do Brasil. Nessa seara, segundo Paim (2020, p. 161):

O estudo do léxico permite a observação da leitura que uma comunidade realiza de seu contexto e da preservação de parte da sua memória sócio-histórica e linguístico-cultural, além de possibilitar a documentação da variação lexical. Realizar este estudo também vem a contribuir para o objetivo mais amplo do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), no que diz respeito à realização da descrição da realidade linguística do Brasil, no que se refere à língua portuguesa, enfocando a identificação das variações diatópicas e léxico-semânticas no âmbito geolinguístico pluridimensional.

Ao discorrermos sobre a elaboração de um atlas linguístico, como mencionado por Paim (2020), que versa sobre o Atlas Linguístico do Brasil, estamos considerando, também, o tempo, posto que Mota e Cardoso (2009) afirmam que uma das principais dificuldades para a elaboração de um atlas linguístico nacional é a respeito do tempo despendido na execução da obra:

O tempo que demanda a programação, o tempo que requer coletas de dados, o tempo de que se precisa para exegese e análise dos materiais e, por fim, o tempo muitas vezes longos e indefinido, que se tem de esperar que se viabilize a publicação (Mota; Cardoso, 2009, p. 238).

Por sermos um país de território continental, um projeto desse nível se mostra um desafio significativo. Até julho de 2009, por exemplo, o ALiB tinha concluído a aplicação do Questionário Semântico Lexical em 15% do território nacional, o que equivale, aproximadamente, à França, Espanha, Portugal, Itália, Suíça Áustria e Bélgica juntos. Isso nos mostra que, além do tempo, as longas distâncias que os pesquisadores necessitam percorrer também podem se mostrar um obstáculo a ser superado. Além das dificuldades mencionadas, a elaboração de um projeto dessa envergadura é complexa devido às áreas do conhecimento mobilizadas nos seus estudos, como Dialetologia, Sociolinguística e Geolinguística, dentre outros.

A Dialetoлогия, como afirmam Contini e Tuailon (1996 apud Cardoso, 2016, p. 14), tem como “finalidade essencial estudar a variação geolinguística”, ou seja, a variação linguística no espaço. Os estudos dialetológicos, como ciência, nascem, pois, dentro de um viés monodimensional. Entretanto, os dados mostraram que “a fala, mesmo circunscrita a um espaço geográfico delimitado, pode evidenciar tanto zonas marcadas pela homogeneidade quanto áreas que apontam para traços de heterogeneidade linguísticos, culturais e étnicos” (Isquendo; Romano, 2012, p. 892). Sendo assim, os estudos dialetológicos passaram também a considerar outros fatores extralinguísticos, “convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal” (Cardoso, 2016, p. 1). Isso porque “o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações lingüísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades pré-fixados”.

Oriunda de uma resposta aos neogramáticos, a Geografia Linguística, por sua vez, surge como método de excelência da Dialetoлогия, com objetivo de recolher de forma sistemática o testemunho das realidades dialetais dos espaços considerados. A partir dos anos 1960, os estudos geolinguísticos passaram a adotar pressupostos da Sociolinguística, esta que, para Camacho (2001, p. 50), o que faz “é correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares”.

Um iniciante nos estudos de variação linguística pode ter certa dificuldade em reconhecer as diferenças nos métodos e objetivos da Dialetoлогия e Sociolinguística, pois, como afirma Ramirez (2009, p. 41 apud Isquendo; Romano, 2012, p. 893), “[...] la dialectología y la sociolingüística son disciplinas hermanas que estudian la lengua dentro de la sociedad. Las dos tradiciones, aun con distintos propósitos, se complementan con sus hallazgos lingüísticos y orientaciones metodológicas⁴”. As duas disciplinas se complementam e interagem, uma vez que, conforme Thun (1998, p. 730): “la

⁴ “A dialectologia e a sociolinguística são disciplinas irmãs que estudam a língua dentro da sociedade. As duas tradições, ainda que com propósitos distintos, se complementam com suas descobertas linguísticas e orientações metodológicas” (Ramirez, 2009, p. 41 apud Isquendo; Romano, 2012, p. 893 - Tradução Nossa).

Dialectología areal, monodimensional por tradición mayoritaria pero no por necesidad intrínseca, es una sociolingüística (y pragmática) limitada. La Sociolingüística, multi-dimensional por tradición pero reacia al espacio, es una dialectología limitada⁵.

Para além das disciplinas mencionadas, os estudos lexicais também necessitam do apoio de outras disciplinas, como, no caso desta pesquisa, a Lexicografia, posto que, segundo Biderman (2001a, p. 159-160):

O dicionário de língua faz uma descrição do vocabulário de um determinado idioma, dos signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura. Um dicionário é constituído de entradas lexicais, ou lemas, que ora se reportam a um vocábulo da língua, ora a um referente do universo extra-lingüístico. [...] No dicionário de língua o verbete⁶ é completado com informações sobre registros sociolingüísticos do uso da palavra e com remissões a outras unidades do léxico relacionadas com este lema por meio de redes semântico-lexicais.

Os registros sociolingüísticos mencionados por Biderman (2001a) apresentam-se como marcas de uso, que “caracterizam as palavras que fogem, sob certos aspectos, ao uso corriqueiro, normal, da língua de uma comunidade linguística” (Strehler, 2001, p. 174), ou seja, elas estão intimamente relacionadas à variação linguística, sendo uma ferramenta para tratá-la em dicionários. Segundo a classificação de Alain Rey (s.d. apud Strehler, 2001, p. 174), as marcas de uso se dividem em cinco categorias: marcas de uso temporal, espacial, de frequência, de tecnoletos e social.

Todavia, ainda que enxerguemos os dicionários como instrumentos descritivos da língua, eles são apenas um recorte, pois, sendo aquela viva, ela está em constante mudança, adaptando-se e se reformulando continuamente. É por isso que as marcas de uso social são mais instáveis, posto que, como afirma Strehler (2001, p. 177), “elas estão

⁵ “A Dialectologia areal, monodimensional por tradição majoritária, mas não por necessidade intrínseca, é uma sociolingüística (e pragmática) limitada. A Sociolingüística, multidimensional por tradição, mas relutante em relação ao espaço, é uma dialectologia limitada” (Thun, 1998, p. 730 - Tradução nossa).

⁶ “A microestrutura tem como eixos básicos a definição da palavra em epígrafe e a ilustração contextual desse mesmo vocábulo, quer através de abonações por contextos realizados na língua escrita ou oral, quer através de exemplos” (Biderman, 2001a, p. 159).



fortemente ligadas às mudanças que acontecem numa sociedade”. Além disso, esse tipo de informação exige maior cuidado por parte dos usuários e lexicógrafos, visto que apresenta um certo grau de subjetividade.

Por exemplo, no que tange aos dados ora analisados, a entrada "quenga" não possui marcação de uso pejorativo no Dicionário Houaiss na acepção de prostituta, enquanto Ferreira (2010) a classifica como uso chulo. Essa diferença ilustra como os dicionários podem divergir em suas abordagens e classificações, refletindo diferentes perspectivas e critérios lexicográficos.

1.1 TABU LINGUÍSTICO

Desde muito tempo o homem vê na língua um poder misterioso, um instrumento capaz de dar vida e existência às coisas à sua volta. Tomemos como exemplo um trecho do livro mais vendido do mundo, a Bíblia (1993, p. 11), segundo o qual, “no princípio, Deus criou os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: haja luz; e houve luz”.

Baseando-nos em um viés judaico-cristão, foi por meio da palavra que o mundo se ordenou. Na Bíblia também é possível ver o seguinte trecho: “não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão” (Bíblia Sagrada, 1993, p. 192). Este é o segundo mandamento presente na Bíblia, que reflete a importância atribuída ao respeito e à reverência ao nome de Deus. Esse mandamento não apenas instrui sobre a maneira adequada de se referir a Deus, mas também reflete a criação de uma cultura na qual o nome divino é considerado sagrado.

Como postulado pela tradição judaico-cristã, o termo Deus é considerado sagrado e, por isso, não deve ser pronunciado em vão, tornando-se um tabu linguístico, uma vez que Guérios (1979, p. 9) afirma que o tabu pode ser entendido como sagrado-proibido. Além disso, o autor compreende que o tabu linguístico nada mais é do que uma



modalidade, isto é, se uma coisa ou um ato é dado como proibido, a palavra a que se refere também o será:

Como há para as coisas, para os atos e fatos mais de uma expressão, existe, portanto, a possibilidade de substituir as palavras indecorosas por outras, neutras ou delicadas, suaves, ou despojadas de emotividade indigna e associação de idéias repugnantes, senão totalmente, pelo menos em parte, ou, então, expressões que não despertem tão abruptamente as idéias e os sentimentos escabrosos (Guérios, 1979, p. 31).

Alinei (2003, p. 8) acrescenta que isso se aplica a toda palavra que, de certa forma, esteja associada a aspectos sagrados e/ou proibidos da vida, como morte, doença, sexo e assim por diante. As expressões neutras utilizadas pelo falante para evitar a palavra tabu se chamam, segundo Alinei (2003), *noa*. Entretanto, haja vista o uso, uma palavra *noa* pode sofrer um efeito cíclico e vir a ser atingida pela tabuização, processo pelo qual um nome se torna um tabu. Guérios (1956, p. 16) diferencia palavras *noa* de eufemismo, ao afirmar que aquele está relacionado ao mágico-religioso, enquanto este é “expressão substituta que atenua uma idéia triste ou desagradável, pertencente, por consequência, ao domínio moral ou do sentimento”. Além disso, o estudioso também afirma que o falante se apropria de alguns processos de substituição da palavra tabu, como, por exemplo, no campo lexical: elipse, substituição de fonemas, termo científico, arcaísmo e termos genéricos.

Sendo o sexo, portanto, um tema tabuístico, consequentemente, a prostituta, um ente desse mesmo universo de sentidos, também o será, já que se trata da “mulher que exerce a prostituição” (Houaiss, 2009), “atividade que visa ganhar dinheiro com a cobrança por atos sexuais e a exploração de prostitutas/prostitutos” (Houaiss, 2009). Nos registros do ALiB, por exemplo, foi possível evidenciar essa afirmação pois alguns informantes demonstraram desconforto ao pronunciar “nomes feios”:

INQ: Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?
INF: Adúltera; rapariga; biscate.
INQ: Tem outros nomes?
INF: Tem, tem outros nomes piores.

INQ: Quais nomes?

INF: Ah, puta! Ah não, não, muito feio (INF 4, ponto 170).

Podemos observar, então, que, ainda nos tempos atuais, falar sobre prostituição carrega certo peso tabuístico e, para além disso, a discussão acerca da prostituição no Brasil se faz cada vez mais fervorosa. Se, por um lado, alguns a compreendem como só mais uma profissão, outros a entendem como uma exploração do corpo feminino. É importante considerar também que a figura da prostituta sofre alterações dependendo da época e da cultura, o que, naturalmente, faz com que haja mudanças no léxico ao se referir a ela, uma vez que os usuários da língua:

[...] Funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico da sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer [...] (Biderman, 2001b, p. 179).

Ao refletirmos sobre o papel da linguagem na construção e na manutenção de tabus, percebemos que ela é um espelho da sociedade e de seus valores. Nessa direção, a sacralidade atribuída a certas palavras, como o nome de Deus, e a fuga de palavras relacionadas a temas sensíveis, como a prostituição, demonstram como a língua é usada para reforçar normas culturais e morais.

Assim, o estudo dos tabus linguísticos nos oferece uma compreensão de como a linguagem não apenas reflete, mas também molda e perpetua valores e crenças de uma sociedade.

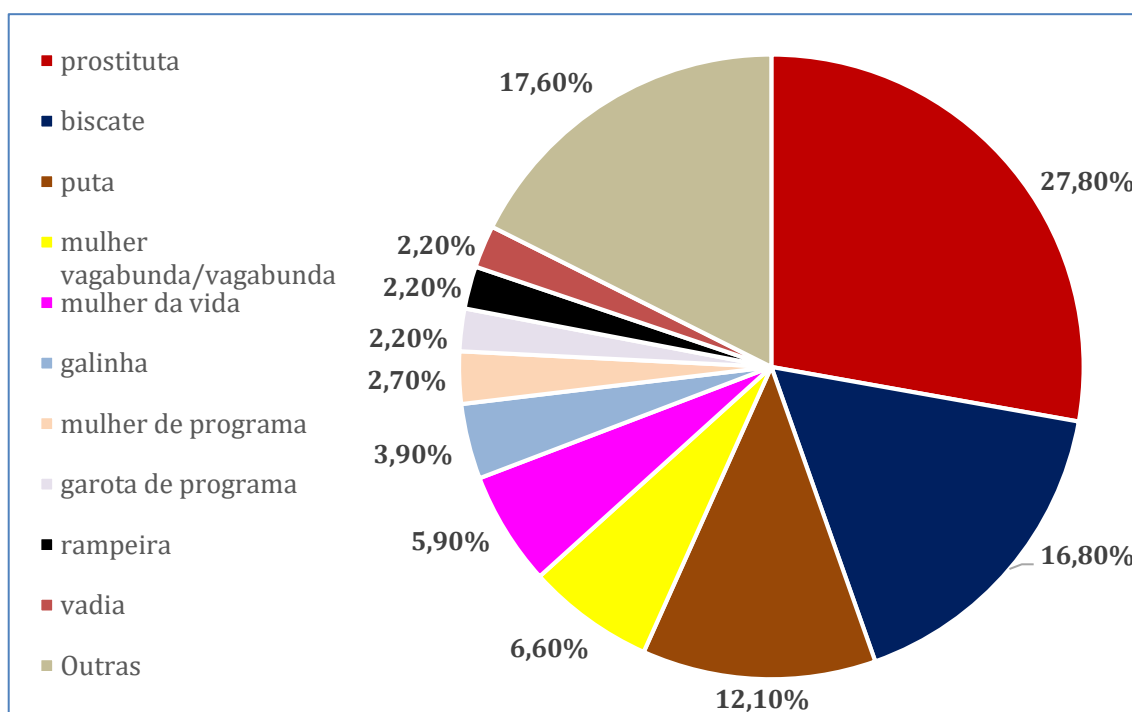
2. ANÁLISE DE DADOS

Os dados analisados neste trabalho compõem-se de 426 ocorrências, que revelaram 47 variantes lexicais documentadas como respostas proferidas pelos informantes para a pergunta 142 do Questionário Semântico Lexical, área semântica de

Convívio e comportamento social: “como se chama a mulher que se vende para qualquer homem” (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001, p. 32), no estado de São Paulo, região Sudeste do Brasil.

Os critérios estabelecidos pelo Projeto ALiB para a escolha dos informantes foram os seguintes: homens e mulheres com grau de instrução rudimentar ou com escolaridade até a antiga 4ª série do Ensino Fundamental, que tenham nascido na localidade pesquisada e que se enquadrem em uma das duas faixas etárias exigidas – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, com exceção das capitais, nas quais acrescentaram-se mais quatro informantes de nível universitário, com as mesmas correlações de sexo e faixa etária.

Gráfico 1- Nomes mais recorrentes para “prostituta” no Estado de São Paulo (Atlas Linguístico do Brasil)



Fonte: elaborado pelas autoras.

No Gráfico 1 estão representadas as onze variantes lexicais mais produtivas para nomear “a mulher que se vende para qualquer homem”, sendo elas: *prostituta*, *biscate*, *puta*, *mulher vagabunda/vagabunda*, *mulher da vida*, *galinha*, *mulher de programa*,



*garota de programa, rampeira, vadia*⁷ e *mulher sem vergonha*. Além disso, há, na legenda, o rótulo “outros”, em que estão agrupados 36 lexemas de menor produtividade, quais sejam: *vaca, mulher de rua, adúltera, mulher de zona, quenga, tranqueira, cadela, mulher fácil, leviana/mulher leviana, pilantra, rapariga, companheira da noite, concubina, égua, empregada dos homens, mal amada, mulher da BR-116, mulher da noite, mulher de bar, mulher de boate, mulher de cem homens, mulher de malandro, mulher de puteiro, mulher que não vale nada, mulher safada, mundana, não presta, não vale o que recebe, perva, prima, profissional do sexo, rameira, Teúde e Manteúda, tiriça, bruaca e jaguara*.

Após uma análise dos lexemas nos dicionários Houaiss (2023), Aulete (2011) e Ferreira (2010), observamos que houve uma frequência de 34% de designativos que apresentam marca de uso pejorativa dicionarizada. Por isso, como recorte para esta pesquisa, selecionamos as lexias que apresentam esse registro sociolinguístico, ou seja, marcas de uso pejorativo dicionarizadas. Segundo Houaiss (2023), pejorativo “1. exprime sentido desagradável ou de desaprovação; depreciativo” e, por extensão, “desfavorável, aviltante”. Já o Aulete (2011) apresenta como segunda acepção aquilo “2. que denota despeito, ressentimento”. Ferreira (2010) utiliza como marca de uso tanto depreciativo quanto pejorativo. Segundo o lexicógrafo, aquele significa algo “1. em que há, ou que envolve depreciação. 2. V⁸. pejorativo” e este, “1. diz-se de vocábulos que expressam desaprovação, depreciação ou significação desagradável”.

Vê-se que, entre os itens léxicos com marca de uso pejorativo, os mais recorrentes são *mulher vagabunda/vagabunda, mulher da vida, galinha* e *vadia*, apresentando, respectivamente, um total de 28, 25, 16 e 9 ocorrências, inclusive, estando entre os dez mais frequentes no cômputo geral. *vaca* e *mulher de zona*, por sua vez, apresentam 6 e 5 ocorrências, respectivamente. Já *mulher de rua, quenga* e *tranqueira* apresentam igualmente 4 menções, assim como *cadela* e *rapariga* apresentam 3, *mulher*

⁷ *Cadela, rampeira* e *vadia* ocupam juntas o oitavo lugar, pois apresentaram 9 ocorrências cada.

⁸ Abreviação para *Ver* em Ferreira (2010).

leviana/leviana e pilantra, 2, e, por fim, *égua, bruaca, jaguara e concubina* foram mencionadas apenas uma vez, cada.

Durante a análise, observamos que cinco das lexias selecionadas com marca uso pejorativo não apresentam sentido de prostituta dicionarizado. Sendo assim, optamos por dividir nossa análise em dois grupos: o grupo A, que corresponde a 10% do universo geral, formado pelos nomes cujas entradas dicionarizadas apresentam marca de uso pejorativo; entretanto, não apresentam sentido de prostituta dicionarizado, sendo eles: *tranqueira I* (0,9%), *mulher leviana/leviana; pilantra e jaguara*. E Grupo B, que responde por 24% do universo geral, formado pelos nomes cujos verbetes trazem marca de uso pejorativo para a acepção de prostituta: *mulher vagabunda/vagabunda, mulher da vida, galinha, vadia, vaca, mulher de rua, mulher de zona, cadela, concubina e rapariga*.

Segundo Houaiss (2023), *tranqueira*, a variante mais recorrente no Grupo A, apresenta 13 acepções. Entretanto, apenas a oitava manifesta marca de uso pejorativo: “8 pej. coisa sem valor, barata ou inútil; bugiganga, porcaria”. Enquanto isso, Aulete (2011) não apresenta marca de uso pejorativa. Porém, documenta, na primeira acepção, relação com o que é exposto no dicionário Houaiss: “Pop. Conjunto de objetos fora de uso”. Já Ferreira (2010) não traz nenhuma acepção relacionada à prostituta, marca de uso pejorativo ou sentido relacionado com o objeto velho, como os outros dicionários consultados.

Ainda que *mulher leviana* não tenha verbete próprio, Aulete (2011) apresenta como sentido da primeira acepção de *leviano*: “que tem comportamento insensato, irrefletido, irresponsável; que não tem seriedade (mulher leviana)”. O mesmo ocorre em Ferreira (2010), ao apresentar *mulher leviana* como sintagma na segunda acepção de *leviano*: 2. sem seriedade, inconstante: mulher leviana. Houaiss (2023) também não apresenta verbete próprio para *mulher leviana*. Porém, demonstra marca de uso pejorativa em *leviano* como adjetivo: *pej.* que denota leviandade. Com base na análise léxico-semântica, podemos compreender que, ao se referirem à prostituta como *mulher leviana*, os informantes estão, implicitamente, julgando seu comportamento como irresponsável ou imoral.

Pilantra, segundo o dicionário Houaiss (2023), apresenta as três acepções com marca de uso pejorativa: “1. que ou quem se veste mal, mas é pretensioso; 2. que ou aquele que demonstra ter mau caráter; desonesto, finório, trapaceiro; 3. *cr.*⁹ entre ladrões, diz-se de ou vagabundo de baixa categoria, reles”. Já em Aulete (2011), não há marca de uso pejorativa, mas como primeira acepção: “1. Que é mau-caráter, desonesto”. Tal acepção vai ao encontro da apresentada por Ferreira (2010): “2. diz-se de pessoa de mau-caráter, desonesta”. Após a análise nos dicionários, mostra-se que a intenção do informante, ao nomear a prostituta como *pilantra*, é depreciativa, indicando, mais uma vez, uma percepção negativa sobre a moralidade ou comportamento dela.

De acordo com Houaiss (2001) e Ferreira (2010), *jaguara*, por seu turno, é usado no Paraná e Rio Grande do Sul, o que pode explicar a ocorrência na cidade de Itararé, localidade sul-rio-grandense que está situada na divisa com o estado paranaense. Essa troca linguística é um reflexo da interação entre os habitantes dessas regiões e pode levar à adoção e adaptação de termos de uma região para outra. Para Ferreira (2010), *jaguara* carrega, na segunda acepção, sentido de pessoa ordinária, de mau caráter. Enquanto isso, Aulete (2011) tem como única acepção para *jaguara*: cão ordinário.

Já o Grupo B, que corresponde a 24% do universo geral, como já mencionado, é formado pelos nomes cujos verbetes trazem marca de uso pejorativo e definição ou sinonímia de prostituta, quais sejam: *mulher vagabunda/vagabunda*, *mulher da vida*, *galinha*, *vadia*, *vaca*, *mulher de rua*, *mulher de zona*, *cadela*, *concubina* e *rapariga*.

Representando, aproximadamente, 7% das ocorrências, *mulher vagabunda/vagabunda*, segundo Houaiss (2023), apresenta marca de uso pejorativa na primeira acepção: “1 *pej.* m.q¹⁰. vadia”. Essa definição usada por Houaiss (2023) ocorre por meio do uso de sinônimos que, conforme Imbs (1960, p. 13 apud Welker, 2004, p. 117), é o “método menos científico possível, resultando [...] em pseudodefinições que estabelecem um círculo vicioso”. Enquanto isso, Aulete (2011), ainda que também utilize o mesmo tipo de definição, traz mais informações acerca da lexia *vagabunda*: “Pej.

⁹ Linguagem de criminosos e marginais (Aulete, 2011)

¹⁰ Abreviação para *Mesmo que* (Houaiss, 2023).

Mulher de vida licenciosa, sem ser necessariamente uma prostituta; PIRANHA; VADIA”.

Mulher da vida, tendo, aproximadamente, 6% das ocorrências, aparece em Houaiss (2023) como locução de mulher e, além da marca de uso pejorativo, apresenta também a de eufemismo e acepção de meretriz. Mesmo que traga informação de eufemismo, *mulher da vida* também apresenta marca de uso pejorativa, o que pode a vir confirmar que:

No domínio dos tabus morais, muito mais facilmente que no dos tabus supersticiosos ou verdadeiros tabus, há possibilidade de a palavra ou expressão substituidora, a eufêmica, vir a ser a palavra atingida também pela tabuização, em virtude de, pouco a pouco, tomar a si tudo aquilo que foi condenado pelos bons costumes (Guérios, 1979, p. 31).

Já Aulete (2011) não apresenta *mulher da vida* dicionarizada, enquanto Ferreira (2010) a documenta como sinônimo de meretriz.

Galinha é o terceiro nome mais recorrente no grupo B, representando, aproximadamente, 4% das ocorrências. O Dicionário Houaiss (2023) documenta-o com sete acepções com marca de uso pejorativa. A sexta e a sétima revelam certa contrariedade, ao defini-las como “6. diz-se de ou indivíduo tímido, acanhado; 7. *B*¹¹ diz-se de ou indivíduo (mulher ou homem) que se dá a contatos voluptuosos ou que age publicamente sem freio moral”. Enquanto isso, as duas acepções seguintes estão relacionadas ao sentido de prostituta e também no rol daquelas com marca de uso pejorativa: “7.1 diz-se de ou indivíduo (mulher ou homem) que varia facilmente de parceiro amoroso ou sexual; 7.2. *CHN*¹² (*Macau*) diz-se de ou mulher que se prostitui”. Já Aulete (2011) não registra sentido de prostituta dicionarizada para a entrada *galinha*. Entretanto, por meio da acepção 4, podemos relacioná-la à “mulher que se vende para qualquer homem” (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001, 32): “4 Gír. pessoa que mantém relações sexuais com muitos parceiros”. Todavia, não há a presença de marca de uso pejorativa, mas de gíria nessa obra.

¹¹ Abreviação de *Brasileirismo* (Houaiss, 2023).

¹² Abreviação de China (Houaiss, 2023).

Vadia, assim como os nomes seguintes, apresenta menos de 1% das ocorrências e, segundo Ferreira (2010), é o mesmo que *piranha*: “mulher que, sem ser necessariamente meretriz, leva vida silenciosa, piranhuda, pistoleira, bocetinha” (Ferreira, 2010). Em ambas as entradas, Ferreira (2010) não acrescenta marca de uso pejorativa, mas Aulete (2011) e Houaiss (2023), sim. Entretanto, em ambos os dicionários, é informado que o sentido não está estritamente ligado à “mulher que se vende para qualquer homem” (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001, p. 32). Aulete (2011), por exemplo, documenta-a como: “Pej. Mulher de vida licenciosa, sem ser necessariamente prostituta; VAGABUNDA”. Já em Houaiss (2023) lê-se: mulher que, sem viver da prostituição, leva vida devassa ou amoral”, relacionando-a ainda a meretriz.

Vaca, por sua vez, mostra-se com marca de uso pejorativa nos dicionários Houaiss (2023) e Aulete (2011), e Ferreira (2010) atribui-lhe o uso chulo. A presença do nome *vaca* no grupo B se justifica pela aceção documentada em Houaiss (2023) e Ferreira (2010), sendo elas, respectivamente: “8 (1911) pej. mulher de vida devassa ou prostituta; 9. Bras. chulo mulher leviana, que aceita qualquer homem”. Em Aulete (2011), há três aceções com marca de uso pejorativa, e a que pode vir a se relacionar à “mulher que se vende para qualquer homem” (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001, p. 32) é a quinta: “5. Pej. mulher devassa e leviana”.

O dicionário Ferreira (2010) apresenta *mulher da rua* e *mulher da zona* com as mesmas aceções: “Bras. Pop. Deprec. Meretriz”. Já em Houaiss (2023), *mulher da zona* carrega marca de tabuísmo: “B; tab., pej. meretriz”. Tal informação não aparece em *mulher da rua*: “B; pej. meretriz”. Esta diferença nas marcas de uso pode sugerir que “zona” é percebido como um termo mais carregado de conotação negativa e estigmatizante, refletindo um grau maior de tabu social. Em contraste, *mulher da rua* é igualmente pejorativa, mas não possui a mesma conotação tabuística. Essa diferença pode ser atribuída ainda ao fato de que “zona” é associado a áreas mais desrespeitáveis e estigmatizadas, tornando o termo mais sensível e carregado de conotações negativas do que “rua”. Aulete (2011) não apresenta entrada para nenhum dos dois nomes.

Cadela aparece em Ferreira (2010) na quarta acepção com marca de uso depreciativo e sentido de meretriz. Em Houaiss (2023) lê-se: “3 p. ext.; B; pej. prostituta”. Tal acepção vai ao encontro do exposto em Aulete (2011): “3. Bras. Pej. Prostituta”. Os três dicionários também apresentam outro sentido com marca de uso pejorativo/depreciativo: “2. Bras. P. ext. Pej. Pop. Mulher vulgar, de má índole, sem compostura” (Aulete, 2011); “(1609) pej. mulher pouco digna, de baixa condição social ou de comportamento ou hábitos reprováveis” (Houaiss, 2023); “2. Pop. Deprec. Mulher de procedimento censurável, desavergonhada” (Ferreira, 2010). O uso do termo *cadela* para descrever tanto mulheres de caráter questionável quanto prostitutas revela como a linguagem pode refletir e perpetuar estigmas sociais e culturais e a associação entre prostitutas e mulheres de caráter ruim ou vulgar pode ser um exemplo de como a língua é utilizada para desvalorizar e marginalizar comportamentos que não se alinham a normas tradicionais de moralidade.

Concubina, por seu turno, é tratado de maneira distinta nos dicionários. Em Ferreira (2010), não aparece com o sentido de *prostituta*, sendo mais comumente associado a uma mulher que mantém relação sexual com um homem sem ser casada com ele. Em contraste, os dicionários Houaiss (2023) e Aulete (2011) incluem o sentido de *concubina* como sinônimo de “prostituta” com uma marca de uso pejorativo, sendo que o dicionário brasileiro ainda traz a marca de tabuísmo. Ademais, Houaiss (2023) também especifica que esse uso ocorre em regiões como o Nordeste do Brasil, Minas Gerais e Goiás, indicando uma variação regional. A menção em Campinas, nos dados analisados, uma cidade que não faz divisa com os estados mencionados, sugere que o referido uso pode ter uma difusão mais ampla do que o indicado apenas pelas regiões específicas dicionarizadas, o que evidencia a necessidade de observar a variedade linguística para além da variação diatópica, considerando também as influências históricas e sociais que podem impactar o uso do léxico ao longo do tempo e em diferentes contextos.

Já o nome *bruaca*, em Ferreira (2010), é definido com o sentido de “meretriz” e possui marca de uso depreciativo. Houaiss (2023) apresenta-lhe uma acepção mais específica, referindo-se a uma “prostituta mais velha, decadente e feia”, com uma marca

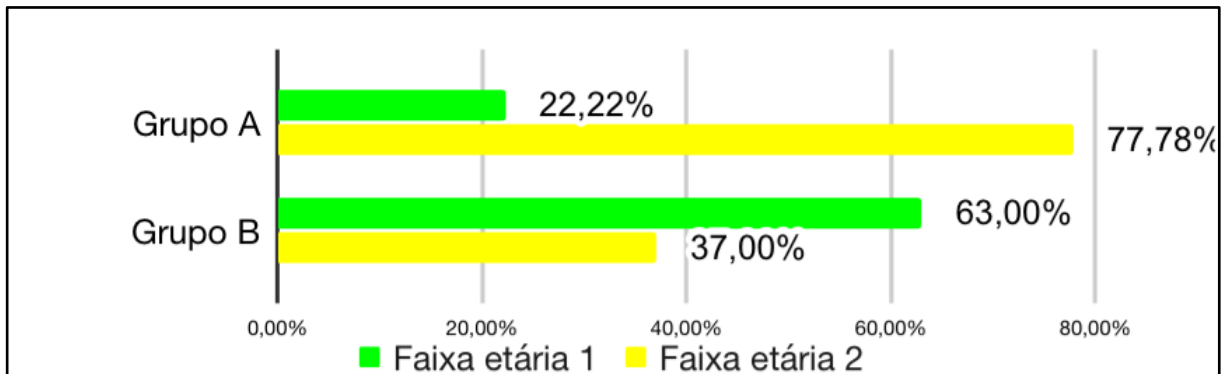
de uso pejorativo. Já Aulete (2011) também o define como “prostituta envelhecida e em decadência”, com um tom igualmente pejorativo. Na obra *Dialetto Caipira*, Amaral (1982) informa que, para além do “sentido de surrão, saco de couro trazido por viajantes a cavalo. Também se aplica, insultuosamente, a mulheres”.

Tratando-se das ocorrências no falar dos informantes com nível superior, variação diastrática, temos os seguintes resultados: no grupo A não houve ocorrência, já no grupo B, 3 informantes mencionaram nomes com sentido de prostituta dicionarizado e marca de uso pejorativo: *mulher da vida* foi proferido tanto pelo sexo masculino quanto feminino da faixa etária 1, enquanto *mulher vagabunda* foi mencionado por uma informante do sexo feminino e da faixa etária 2. Isso se alinha com o estabelecido por Sankoff (Morales, 1993, p. 101 apud Aragão, 2010, p. 38), que defende que até mesmo os falantes tidos como cultos podem empregar formas consideradas populares ou incultas, dependendo do contexto e da situação de uso. Isso demonstra como a escolha lexical não é exclusivamente moldada pela educação formal, mas, também, pelo contexto social e pelas formas de interação.

Já por meio da análise da variação diageracional¹³, pudemos observar um comportamento distinto entre as faixas etárias dos informantes que mencionaram unidades léxicas dos grupos A e B. Podemos observar, por exemplo, que os nomes do Grupo A aparecem predominantemente na fala dos informantes da faixa etária 2. Já no Grupo B, observamos que aqueles com sentido de prostituta dicionarizado são mais recorrentes na fala dos informantes da faixa etária 1, como está representado no Gráfico 2:

¹³ A variação linguística diageracional refere-se às diferenças na forma de falar entre distintas gerações de uma mesma comunidade linguística. Essas variações podem ocorrer devido às mudanças sociais e culturais ao longo do tempo, resultando em vocabulário, expressões e gírias distintas entre os mais jovens e os mais velhos.

Gráfico 2 - Comparativo da distribuição diageracional dos nomes para prostituta no Grupo A e Grupo B no Estado de São Paulo (ALiB)



Fonte: elaborado pelas autoras.

Podemos entender esse panorama a partir de Isquierdo (2003, p. 178), para quem:

[...] O conjunto de vocábulos que integra o universo lexical de uma língua, por reproduzir a visão de mundo, o patrimônio cultural dos falantes e por testemunhar a vida, a história e a cultura de um grupo em diferentes fases de sua história, fornece marcas da identidade desse grupo. A forma de usar a língua, particularmente a de escolher as palavras, revela aspectos da maneira de pensar e de agir de um indivíduo/ grupo, além de fornecer índices da origem geográfica e da classe social do falante.

Sendo assim, podemos entender que a faixa etária 2 parece evitar utilizar palavras que tenham seu sentido relacionado a prostituta, buscando se apropriar de palavras *noas*. Isso ocorre, talvez, pois pessoas mais velhas, em geral, foram socializadas em um contexto histórico e cultural em que valores conservadores eram mais dominantes. A moralidade sexual, especialmente no que diz respeito à prostituição, era frequentemente associada a um estigma social e a prostituta era vista, dentro desse contexto conservador, como uma figura que desrespeita normas sociais e morais.

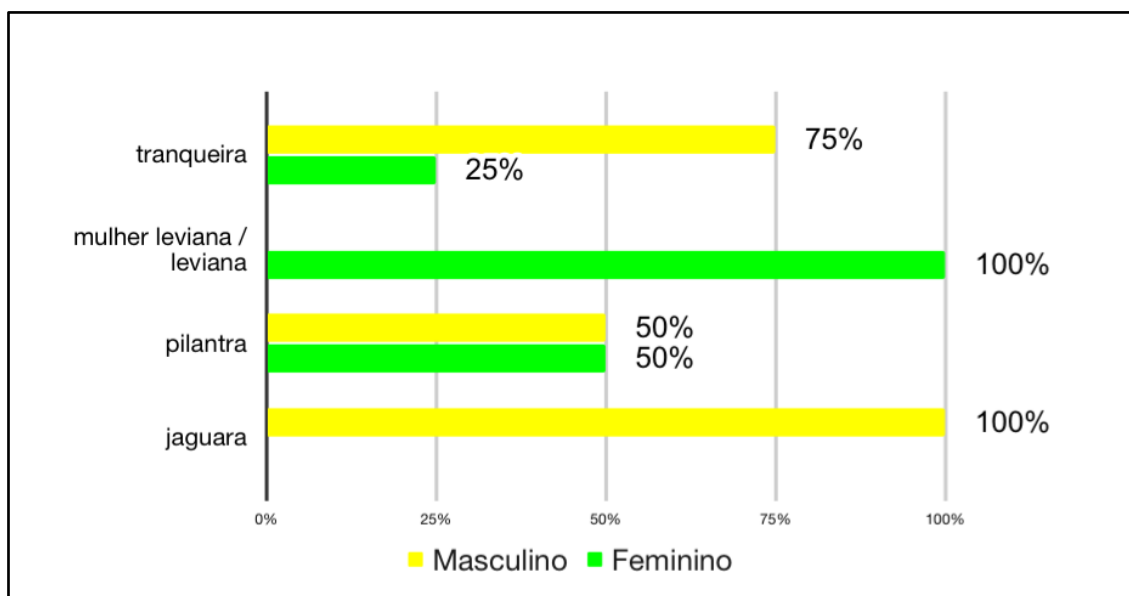
Já a faixa etária 1 apresenta menor pudor em relação a prostituta e uma das possibilidades de se entender esse comportamento é que os jovens foram socializados em um período de mudanças significativas nas normas sociais. A aceitação de diversos modos de vida e a redução do estigma associado a profissões como a prostituição contribuíram para uma linguagem mais aberta e menos carregada de preconceitos. Além

disso, a maior exposição a discursos progressistas permite também que os jovens abordem temas considerados tabus pelas gerações anteriores com mais naturalidade e sem o mesmo peso moral. Como observado por Weller e Bassalo (2020, p. 391):

A cada nova geração, formas de interpretar e dar sentido à realidade são evocadas pelos jovens em um movimento permanente de construção de novas sociabilidades e de formação identitária. Grupos juvenis assumem características peculiares em um determinado tempo histórico e social, tornando-se representativos de um modo de compreensão e de comunicação de posicionamentos diante de demandas da sociedade.

A análise diassexual¹⁴, por sua vez, apresentou resultados instigantes: no grupo A, o sexo masculino apresentou um total de 5 menções, enquanto as mulheres forneceram 4 ocorrências, distribuídos conforme apresenta o Gráfico 3:

Gráfico 3 - Distribuição diassexual dos nomes para prostituta do grupo A no Estado de São Paulo (ALiB)



Fonte: elaborado pelas autoras.

¹⁴ A variação diassexual é uma forma específica de variação linguística que ocorre entre as maneiras de falar dos homens e das mulheres. Essa variação reflete aspectos socioculturais e de gênero, demonstrando como a linguagem é influenciada e moldada pelas identidades e papéis de gênero na sociedade.

Podemos entender que tal resultado pode estar relacionado à hipótese de que o uso de termos relacionados à prostituição é evitado não apenas por uma questão de pudor, mas também como uma maneira de se distanciar de comportamentos considerados inaceitáveis ou imorais, conforme afirma Guérios (1956, p. 31):

O vocábulo indecoroso vem carregado de potência emotiva e associação de idéias que repugnam à sociedade cristã, dos bons costumes. Tais sentimentos e idéias pertencem aos meios abjetos pagãos ou aos meios inferiores da sociedade, nos quais é normal a chacota, o ridículo, o escárnio a tudo o que é decente, virtuoso, sagrado e cristão. Ora, os homens conscientes das virtudes, das boas ações, de pensamentos e sentimentos nobres, de tudo que os tornam felizes superiormente, espiritualmente, evitam e devem evitar os seus contrários.

Em 1990, Labov propôs dois princípios para variável ditassexual nos fenômenos de variação linguística, sendo eles:

- (1) Em fenômenos sociolinguísticos estáveis, homens usam com maior frequência variantes não padrão do que as mulheres.
- (2) Na maioria dos fenômenos de mudança linguística, mulheres usam com maior frequência formas inovadoras do que os homens (Labov, 1990 apud Freitag, 2015, p. 31).

Igualmente, há uma tendência observada nos trabalhos de variação linguística de que as mulheres utilizam formas mais conservadoras e com maior prestígio do que os homens, como ocorre no trabalho.

Entretanto, neste estudo, essa tendência é rompida no grupo B, pois o sexo feminino apresentou 52 ocorrências, enquanto o sexo masculino registrou 48 ocorrências. Podemos hipotetizar que a maior ocorrência de nomes pejorativos usados por mulheres para se referir às prostitutas pode estar relacionada a vários fatores sociais, sendo um deles as mudanças da estrutura social, posto que elas começaram a romper com as expectativas impostas. Sendo assim, passaram a utilizar a língua de forma mais flexível, incorporando variações consideradas inadequadas, o que vai ao encontro das palavras de Freitag (2015, p. 18), para quem:



A sociedade muda; se a sociedade muda [...] a explicação de as mulheres preferirem as formas padrão ou não estigmatizadas, por conta de seu papel como mães e educadoras, talvez fosse válida e pertinente nos anos 1960; hoje, não se pode dizer que é este o papel das mulheres na sociedade.

Todavia, as normas sociais e de gênero ainda podem impor padrões mais restritos e conservadores de comportamento sexual para as mulheres e, caso seja vista como transgressora dessas normas, ela pode ser alvo de críticas mais severas.

Dessa maneira, os comentários mostram que as mulheres demonstram receio ao falar sobre o assunto, usando modalizadores ao afirmarem que os “nomes feios” são ditos por outros, sendo, talvez, uma forma de se descomprometer com os nomes tabus que estão sendo proferidos:

INF: um fala biscate, outro fala piranha. Eles mistura um monte de nome.

INQ: fala aí o que mais que eles falam.

INF: eles falam prostituta, mulher da vida. Os antigos falam mulher da vida, né. (INF 2, 185).

Tratando da variação linguística entre diferentes escolaridades, podemos perceber que dois nomes pertencentes ao grupo B, sendo eles, *vagabunda* e *mulher da vida*, com 1 e 2 ocorrências, respectivamente, foram proferidos por falantes com escolaridade universitária. Essa baixa frequência de nomes dicionarizados como pejorativo na fala de informantes com maior escolaridade pode ser explicado pela hipótese de que as palavras “impróprias”, ou popularmente conhecidas como palavrões, estão relacionadas a grupos socioeconômicos baixos¹⁵ (Stapleton, 2003).

Além disso, curiosamente, os dois termos mencionados estão entre os mais recorrentes dentro do grupo B, com 28 ocorrências para *vagabunda* e 25 para *mulher da vida* em todo o *corpus*. Essa alta frequência pode indicar que esses nomes estão se consolidando na norma lexical em uso, inclusive entre falantes com maior escolarização.

¹⁵ Há que se destacar, como já mencionado pelo texto, que a escolaridade universitária só é inquirida nas capitais, no caso, na cidade de São Paulo, de modo que os dados aí documentados representam um percentual baixo em relação ao cômputo geral, o que pode restringir os resultados.

Guérios (1979, p. 31) aponta que palavras *noas* também podem ser atingidas pela tabuização. Entretanto, o que pode ocorrer nos casos de *mulher vagabunda/vagabunda* e *mulher da vida* é justamente o contrário, visto que, nesse processo de maior circulação e possível estabilização, os termos podem vir a perder parte de sua carga tabuística, tornando-se mais naturalizados no discurso cotidiano. Assim, ainda que os dicionários classifiquem esses nomes como pejorativos, seu uso cada vez mais comum pode levar a um processo de dessensibilização semântica, em que o valor pejorativo original vai se esvaziando progressivamente.

Como discutido anteriormente, o léxico não apenas documenta percepções individuais, mas contribui para a perpetuação de tabus linguísticos e morais, mostrando como a “língua é, além de uma realidade material, um sistema simbólico, investido de avaliações, de representações que os sujeitos constroem sobre o mundo e as inscrevem na materialidade da língua” (Bragança; Azevedo, 2015, p. 110).

Finalmente, nossas análises recaem sobre o item lexical *quenga*. Isso porque ele não se enquadra no Grupo A, posto que nomeia a “(1959) tab. mulher que exerce a prostituição; meretriz” (Houaiss), mas também não se relaciona com o grupo B, visto que a referida acepção não é associada, em nenhuma das obras consultadas, à marca de uso pejorativa.

Todavia, representando cerca de 3,5% das ocorrências, *quenga* é documentada em Houaiss (2023) sem marca de uso pejorativo, ao contrário de outras acepções do mesmo verbete, como “mulher feia, repelente” e “coisa imprestável, inútil”, ambas marcadas como “pej.” Entretanto, ainda que o dicionário não marque o uso como pejorativo nessa acepção, o fato de classificá-la como tabu, ou como de uso vulgar, conforme Aulete (2011), indica que o próprio ato de nomear a mulher prostituta é visto como algo delicado, inapropriado ou moralmente sensível.

Essa ausência levanta uma hipótese: quando usada para nomear diretamente a mulher prostituta, *quenga* pode não carregar sentido ofensivo, funcionando como nomeação informal da profissão. No entanto, quando direcionada a mulheres que não exercem o trabalho sexual, o termo assume um forte caráter pejorativo, revelando o

preconceito do falante ao usar a *lexia*, comumente relacionada a prostituta, como insulto moral.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada neste estudo destaca o léxico podendo funcionar como um espelho de valores sociais e culturais de uma comunidade. Conforme Drummond sugere na epígrafe, “é por meio da palavra que o ser humano circula e compreende o mundo”, e o léxico desempenha um papel crucial ao materializar as visões de mundo de diferentes grupos sociais. O estudo das denominações para “a mulher que se vende para qualquer homem” (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001, P. 32) no Estado de São Paulo, com base nos dados do Atlas Linguístico do Brasil, evidencia como as palavras carregam significados profundamente enraizados nas normas culturais e nas percepções sociais.

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) é uma iniciativa de extrema importância para a compreensão da realidade linguística brasileira. Ao documentar a variação linguística em um país de dimensões continentais, o ALiB oferece um panorama das diversas formas como os brasileiros utilizam a língua em diferentes contextos geográficos e sociais. A complexidade desse projeto, que envolve a coleta e a análise de dados em um vasto território, reflete a riqueza cultural e a pluralidade de perspectivas que caracterizam o Brasil. É por meio de estudos como esse que podemos preservar e entender as nuances da nossa língua, reconhecendo como as palavras são moldadas por contextos históricos, culturais e sociais específicos.

Outrossim, o material linguístico documentado pelo referido projeto possibilita estudos para além dos dialetais e geolinguísticos, como mostrou a análise com viés lexicográfico aqui empreendida. Desse modo, outras perspectivas demonstram novos olhares e também enriquecem os resultados de pesquisas já empreendidas sobre os dados do ALiB.

No caso deste trabalho, é importante ainda ter em vista que as considerações aqui apresentadas se pautaram na presença ou não de marcas de uso pejorativas documentadas

nas acepções relacionadas à prostituta em dicionários gerais de língua. Os resultados mostraram, inclusive, que por vezes havia outras marcas de uso sociais, como de uso chulo, vulgar, tabuísmo... A continuidade nos estudos pode elucidar o grau de relacionamento dessas marcas de uso entre si, bem como a teoria lexicográfica que orienta os projetos de dicionários pode contribuir para uma maior proximidade entre os princípios que regem a elaboração de distintas obras lexicográficas, notadamente com o contributo de pesquisas geolinguísticas e dialetais.

O léxico, portanto, não é apenas um repositório de palavras, mas um registro vivo das interações humanas, das crenças e das atitudes que permeiam uma sociedade. Nesse contexto, a forma como as palavras são escolhidas e usadas revela muito sobre a identidade de um grupo, suas normas e até mesmo as tensões sociais presentes. No caso dos nomes relacionados à prostituta, essa escolha lexical é particularmente reveladora, mostrando como o estigma e a moralidade se entrelaçam na língua cotidiana.

Por fim, o Projeto ALiB e os demais estudos diatópicos e geolinguísticos são necessários para compreender como a variante brasileira do português, em suas variantes regionais, é um reflexo e, ao mesmo tempo, um agente ativo na construção da identidade cultural do Brasil. A documentação e a análise dessa dinamicidade linguística não apenas preservam o patrimônio linguístico nacional, mas também nos oferecem uma visão crítica sobre como as palavras que usamos influenciam e são influenciadas pelo tecido social em que estamos inseridos.

REFERÊNCIAS

- ALINEI, Mario. Nomi di animali, animali come nomi: cosa ci insegnano i dialetti sul rapporto fra esseri umani ed animali. In: Claudia Tugnoli (ed.). **Zooantropologia, Storia, etica e pedagogia dell'interazione uomo/animale**. Milano: Franco Angeli, 2003, p. 86-114.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 4ª ed., São Paulo: Hucitec/Brasília: INL, 1982.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Variantes diatópicas e diastráticas na língua portuguesa do Brasil. **Graphos**: revista da Pós-Graduação em Letras. v. 12, n. 2, p. 35-51, 2010.

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Terminologia e lexicografia. **Tradterm**, São Paulo, Brasil, v. 7, p. 153–181, 2001a. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49147>.. Acesso em: 22 jul. 2025.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística**: teoria lexical e linguística computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

BÍBLIA online. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br>. Acesso em: 24 jul. 2025.

BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda; AZEVEDO, Lilian Keide Arnhold. Variação como espaço de investigação identitária: análise de uma pequena rede social familiar feminina de Florianópolis/SC. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski (Org). **Mulheres, linguagem e poder** - Estudos de gênero na Sociolinguística brasileira. São Paulo: Blucher, 2015, p. 109-128.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 1-16, 2016.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolingüística. Parte II. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. (Orgs). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. V. 1. São Paulo: Cortez, 2001, p. 49-73.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Lingüístico do Brasil**: Questionários 2001. Londrina: EDUEL, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski (Org). **Mulheres, linguagem e poder** - Estudos de gênero na Sociolinguística brasileira. São Paulo: Blucher, 2015, p. 17-74.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Tabus linguísticos**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Curitiba: Ed. da Universidade Federal do Paraná, 1979.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#10. Acesso em: 25 ago. 2024.



ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, Jérri Roberto; VASCONCELOS, Cláudio Alves de (Orgs.). **História, região e identidades**, Campo Grande: Editora da UFMS, 2003, p. 165-181.

ISQUERDO, Aparecida Negri.; ROMANO, Valter Pereira. Discutindo a dimensão sociolinguística do Projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 881-906, 2012.

MARQUES, Elizabeth Aparecida; ISQUERDO, Aparecida. Negri. Fraseologismos e Linguagem Popular: um estudo de denominações de estrelas. In: MARQUES, Elizabete Aparecida; SILVA, Sueli Maria Ramos da (Org.). **Estudos de Linguagens: múltiplas perspectivas**. 1 ed. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2022, p. 89-117.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A construção de um Atlas Linguístico do Brasil: o percurso do ALiB. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 237-256, 2009. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4243>. Acesso em: 22 jul. 2025.

PAIM, Marcela Moura Torres. A variação lexical no Atlas Linguístico do Brasil. In: ISQUERDO, Aparecida Negri et al (Org.). **As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande, MS: UFMS, 2020, p. 161-178.

STREHLER, René Gottlieb As marcas de uso nos dicionários. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.) **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998, p. 129-142.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)". RUFFINO, Giovanni (Ed.) **Volume V Dialectologia, geolinguística, sociolinguística**. Berlin, Boston: Max Niemeyer Verlag, 1998, p. 701-730. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110934038.701>. Acesso em: 22 jul 2024.

WELLER, Wivian; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. A insurgência de uma geração de jovens conservadores: reflexões a partir de Karl Mannheim. **Estudos avançados**. v. 34, p. 391- 407, 2020.

Recebido em: 23/08/2025 | Aprovado em: 17/12/2025
Publicado em: 05/09/2026
